27º CONGRESSO NACIONAL ABEM
Educação Musical, Mundo do Trabalho e a Construção de uma Sociedade Democrática
Curitiba | 03 a 07 de novembro 2025

Processos Criativos em Educação Musical: perspectivas sobre as infâncias

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Ana Maria Castro de Souza
Universidade do Estado do Pará
ana.souza@uepa.br

Carlos Tadeu Xavier da Silva
Universidade do Estado do Pará
Carlos.tx.silva@aluno.uepa.br

Celso Alexandre de Araújo Ribeiro
Universidade do Estado do Pará
celsoribeiro2612@gmail.com

Ingrid Rafaella Marques Correa
Universidade do Estado do Pará
Ingrid.correa@aluno.uepa.br

Itayanna Bianca Ferreira Meireles
Universidade do Estado do Pará
Itayanna.bfmeireles@aluno.uepa.br

Larissa Kellen Moreira de Sousa
Universidade do Estado do Pará
larissa.sousa@aluno.uepa.br

Resumo: Este trabalho descreve os processos criativos em Educação Musical, a partir de uma experiência coletiva desenvolvida durante uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado do Pará. Tendo como base a temática “Infâncias” e os textos discutidos em sala de aula, os mestrandos elaboraram uma atividade lúdica integrando diferentes linguagens artísticas, com o objetivo de explorar possibilidades pedagógicas para a criação musical. A metodologia adotada envolveu a experimentação prática em grupo, com ênfase na criatividade como ferramenta para a formação humana e social, entendendo a Educação Musical como componente essencial nas diversas etapas da educação básica. Como resultado, a experiência gerou um produto artístico que pode servir de inspiração para a elaboração de planos de ensino aplicáveis a distintos contextos educacionais.

Palavras-chave: Infâncias, Educação Musical, Processos Criativos.

Pra início de conversa...

Este trabalho é o resultado de uma proposta de atividade apresentada em uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Música na Universidade do Estado do Pará. Os discentes elaboraram uma apresentação interativa que uniu diferentes linguagens artísticas dentro da temática "Infâncias", por se tratar de "um tempo específico o qual todos vivenciam" (p. 128), segundo Bezerra et al (2014), através dos estudos de Castro (2010).

A proposta teve como objetivo principal aproximar as linguagens envolvidas dentro de uma temática transversal, dispondo da possibilidade de trabalhar conteúdos musicais de forma criativa. Para isso, a construção da apresentação "Infâncias" foi organizada em fases: a escolha do tema, a roteirização, a criação de repertório, a composição de cenário, a criação de uma peça inédita e os ensaios.

A apresentação do trabalho aconteceu sob avaliação final da disciplina, contando com a presença de convidados tanto adultos quanto crianças, que puderam acompanhar a descrição da temática elaborada por meio de um programa construído pelos próprios alunos da pós-graduação.

O tema partiu do entendimento de que a infância é uma fase natural da vida humana que é vivenciada, mesmo que de forma distinta, por todas as pessoas, vivenciando ou relembrando a infância, por meio das músicas, das cantigas de ninar, cantigas de roda e brincadeiras. Para Bezerra et al (2014)

> [...] a criança e a infância são compreendidas como categorias construídas historicamente, o que nos abre possibilidades de compreendê-las de modo concreto, na sua expressão de vida. O tempo linear, cronológico e contínuo é superado por um devir, um tempo que não se esgota em si mesmo. (p. 134)

Vale ressaltar que para Bezerra et al (2014, p. 134), a maneira de como a infância é vista atualmente é consequência de constantes transformações históricas e sociais pelas quais passamos, e que é de extrema importância segundo os autores, nos darmos conta destas transformações para compreendermos a dimensão que a infância ocupa atualmente.

Na perspectiva musical, é importante ponderar que segundo Gainza (1988, p. 22) "a música e o som, enquanto energia estimula o movimento interno e externo no homem,

impulsionando-o à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidades e grau".

Sendo assim, justifica-se que compartilhar experiências musicais através da escrita acadêmica é uma ferramenta para dividir conhecimento entre professores e pesquisadores. Além disso, compreender a educação musical na região Norte contribuirá para a sua construção do conhecimento científico, na pesquisa e na busca por melhorias na qualidade do ensino.

Para tanto, este artigo tem como objetivo principal discutir os resultados dos processos criativos em Educação Musical, a partir da experiência da apresentação artística realizada no âmbito desta disciplina. Além disso, busca estabelecer um diálogo com as referências teóricas abordadas ao longo das aulas, em especial os autores José Fernandes (2013), com suas contribuições à Educação Musical; Alda Oliveira (2015), com a abordagem PONTES; e Stephen Nachmanovitch (1993), com a obra Ser Criativo.

Refletindo com os autores

A fundamentação teórica do presente trabalho perpassou principalmente por quatro autores, sendo eles: Fernandes (2013) que serviu de inspiração a partir de sua escrita sobre educação musical contextualista; Oliveira (2015) a partir de sua proposta de personalização do ensino e Freire (1986) quanto à sua defesa de uma educação que construa consciência de classe, ambos convergindo no planejamento de um produto pedagógico e social voltado para a realidade do público-alvo, das suas experiências e preferências, ao invés de idealizar um público homogêneo, como pedagogias tradicionais fazem; Schaefer (1986) e Nachmanovitch (1993) que propõem uma educação criativa por meio do envolvimento da improvisação, da composição e outras artes como componentes fundamentais no ciclo do desenvolvimento humano e suas aprendizagens, unificando os processos artísticos.

Nesta perspectiva, enquanto foram selecionadas durante o processo criativo músicas específicas para a apresentação artística "Infâncias", baseados em Fernandes (2013) e Oliveira (2015), foi compreendido que a escolha do repertório deve levar em conta as preferências do público e ser selecionado junto aos envolvidos em questão. Assim, cada processo criativo de

ensino e aprendizagem pode ser diferente, baseado nas vivências de todos que participam ativamente do mesmo.

Para Feichas e Narita (2016) a partir do aporte de Paulo Freire, utilizar um repertório fixo para várias turmas facilita o trabalho dos professores, pois reduz-se a quantidade de ensaios necessários, mas assim perde-se a oportunidade de ter a contribuição dos alunos na criação coletiva. Portanto, não preparamos apenas uma atividade didática, mas um arcabouço reutilizável para possíveis novos projetos, sendo a própria temática norteadora sujeita a mudança, envolvendo a comunidade em geral na experiência artística e sociocultural.

Oliveira (2015) afirma que para esta elaboração de ideias, é necessário, de acordo com a Abordagem PONTES "a. Desenvolver mentes criativas, reflexivas e práticas; b. Aplicar técnicas de elaboração e desenvolvimento de pontes, de formas sensíveis e práticas" (Oliveira, 2015, p. 13). A autora pondera ainda que "uma abordagem que trabalhe com processos de articulação como a abordagem PONTES poderá tornar-se eficaz para educadores musicais interessados em ensinar alunos em todos os níveis de desenvolvimento e oriundos de diferentes contextos socioculturais" (Oliveira, 2015, p. 13-14).

Na elaboração do repertório, um dos critérios requeridos pela professora foi a construção de uma composição inédita dentro da temática pensada. Em conformidade com o nosso tema "Infâncias", apresentamos um cânone feito para quatro vozes intitulado "Amarelinha de Rua", inspirados em uma brincadeira popular infantil - a "amarelinha[1]" ou "macaca", permitindo interagir com o público durante a apresentação.

A própria composição não precisa ser um trabalho exclusivo dos professores ou de músicos profissionais, mas pode-se envolver os alunos no processo composicional, com a orientação apropriada, proporcionando a eles uma experiência musical que estimule a

[1] A academia ou cademia é conhecida como amarelinha ou marelinha no Rio de Janeiro, maré em Minas Gerais, e recentemente avião, no Rio Grande do Norte. Na Bahia dizem pular macaco. Em Portugal: jogo da macaca ou pular macaca, jogar macaca (Norte). Pela Extremadura é jogo do homem. Na Espanha: cuadrillo. No Chile é rayuela, assim como no Peru. Na Colômbia é coroza ou golosa. Na Espanha denominam-na também infernáculo, reina mora, pata coja. No Chile a conhecem também, e mais popularmente, por luche (Camara Cascudo, 2012, p. 6-7).

criatividade e a experimentação, em vez de relegar os alunos à função de meros imitadores de um repertório que eles seriam incapazes de criar. Para Nachmanovitch (1993):

> A variedade de meios capazes de ampliar nossas possibilidades de expressão nasce da prática, do divertimento, do exercício, da exploração, da experimentação. [...] A criatividade está presente mais na busca do que na conquista. [...] A Ênfase está no processo, não no resultado. (Nachmanovitch, 1993, p. 51-52)

Assim, na construção desse processo criativo, possibilita-se desenvolver o imaginário dos envolvidos, dando credibilidade à sua capacidade de criação.

Dos desafios à criatividade

As diferentes etapas da atividade proposta na disciplina Fundamentos teóricos e de práticas da Educação Musical aplicada a diferentes contextos (Humanos e institucionais), nos possibilitou vivenciar múltiplas experiências e nos mais diversos âmbitos, quais sejam, sensorial, motor, emocional, intelectual, técnico-musical, para citar alguns.

Tais experiências nos colocaram diante de um vasto campo de ideias para a efetiva consolidação da atividade, proporcionando momentos de intensas discussões acerca de quais caminhos tomaríamos para este fim, uma vez que a equipe era formada por 5 pessoas e cada uma com olhares distintos sobre o objeto, o que rendeu camadas diferentes ao produto.

Conforme Nachmanovitch (1993), cada um traz para o trabalho conjuntos diferentes de força e resistência. Este fato incitou entre o grupo, o que o autor chama de irritação e inspiração. Neste contexto, ainda segundo o autor, o desafio é absorver e conter tantos estilos e personalidades reunidos, uma vez que este campo de colaboração é fértil e desafiador, ponto este fundamental para a explosão da criatividade.

Para Oliveira (2015), a música nos leva à exploração imaginária, colocando nossa vida interior diretamente em contato com toda a vida que está fora de nós: gente, natureza, cultura etc. Essa imersão sugerida pela autora, nos faz construir pontes através de processos criativos, embasados em seis elementos primários: positividade, observação, naturalidade, tecnicidade, expressividade e sensibilidade, o que transbordará em criatividade.

Ao grupo coube dialogar a partir de suas perspectivas diante da atividade, considerando os contextos de cada membro, através de escuta atenta das ideias apresentadas de cada um, buscando afinidades de propostas para fins de delineamento de uma proposta que atendesse às expectativas de todos**.**

Infância ou infâncias?

A atividade foi pensada para ser aplicada em contexto escolar do ensino regular, considerando desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Inicialmente, o mote da atividade foi Infância, no singular, assim, escolheríamos uma determinada infância. Contudo, notamos que os integrantes do grupo apresentavam infâncias distintas em contextos de tempo, espaço e sociedade que cada um trazia consigo ali.

Foi então que mudamos a temática para o plural, a fim de expandir a contextualização e falar das mais diversas perspectivas de infâncias que encontramos nos contextos escolares. Nesses ambientes podemos observar pessoas das mais variadas classes sociais, de cidades e estados diferentes, às vezes até de países distintos, assim como gerações diferentes, o que deve ser levado em consideração em processos criativos.

Segundo Bezerra et al (2014, p. 135) “as diferentes concepções existentes sobre a criança, na contemporaneidade ocidental, são peças indispensáveis para comporem um quadro geral sobre a infância atual, e necessitam serem conhecidas e compreendidas dentro do contexto no qual foram produzidas”.

Fernandes (2013) discute a Teoria Contextualista da Educação Musical, a qual propõe um novo conceito de escola que se adapte às inúmeras influências externas que recebe do seu meio, sempre atenta às culturas simultâneas, com olhar inclusivo e oferta de educação de qualidade para a terceira idade, bem como, a mente aberta para novas tendências digitais, tecnológicas e atuais, que atraia a geração Z para mais próximo da educação musical.
Portanto, Infâncias nos atenderia melhor nesse sentido.

Criando o roteiro

Nosso roteiro nasceu a partir de uma ideia, uma mensagem que queríamos transmitir e que perpassou todo processo criativo para a consistência interna da apresentação artística. Isso significa que, ao se ter uma ideia, não basta simplesmente escrever o texto do roteiro, pois

antes é preciso passar por algumas etapas que vão ajudar nesse processo, tornando tudo mais fácil**.**

> A ideia é um processo mental, fruto da imaginação. Do encadeamento das ideias surge a criatividade. Ideia e criatividade estão na base da confecção da obra artística". Ou seja: a partir da interligação e do desenvolvimento contínuo de ideias em nossa mente, surge a criatividade; portanto, ideia e criatividade são como alicerces para elaborar o roteiro. (Comparato, 2009, p.72)

Nesse sentido, foram discutidas as questões: Quais músicas serão selecionadas? Quais instrumentos acompanharão? Haverá performance solo? Haverá um narrador? Haverá utilização de algum adereço? Haverá ambientação? Além disso: Qual elemento abre a apresentação? Quais pontes serão utilizadas entre as músicas? Serão cenas? Quais personagens devem estar nessas cenas? A partir dessas perguntas norteadoras pudemos compor o repertório, o roteiro, o cenário e os figurinos, organizando todo o projeto artístico musical[2] descrito abaixo:

Cena 1 - Não há ninguém no palco. Apenas um som preenche o ambiente: um piano que desenha no ar as notas da Aquarela de Toquinho, assim abrimos a apresentação artística. Após alguns compassos, o texto de abertura "Infâncias - Meus Brinquedos"[3] ainda ao som do piano: De um grande armário - nossa memória - eram retirados elementos de nossos tempos de criança. A boneca guardada na caixa, o carrinho sem uma das rodas, a bicicleta antiga, as roupas usadas, lembranças, lembranças e mais lembranças. Choro como um bebê que fui e a criança que quero voltar a ser...

Cena 2 – Revela-se o pianista que canta a primeira frase da música: "Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo..." A segunda frase é cantada por um integrante vinda da plateia: "E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo..." O dono da voz do texto de abertura aparece cantando a terceira frase: "Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva..." Outro integrante que vem da plateia cantando: "E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda chuva..." Feito! Coral composto no palco: "Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel... Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu...". Na parte B abrem-se duas

[2] Link de acesso a uma pequena parte do audiovisual do projeto: https://youtu.be/26WVp6c12vs [3] Poema composto pelo integrante Carlos Xavier do grupo.

vozes e ecoa a continuação da canção “Vai voando contornando a imensa curva...”[3]. O piano continua solando a peça deixando o volume cada vez mais fraco até a cena se desfazer e as personagens tomarem outras posições.

Cena 3 – Mãe e filha (duas integrantes) em um dia de rotina, a mãe fazendo trança, enquanto acaricia os cabelos da filha, cantarola uma canção. É o contraponto da obra de Caetano Veloso, O Leãozinho, com um contracanto que abrange duas oitavas descendentes, feita a partir da escala diatônica maior, tendo como acompanhamento harmônico, o violão. As vozes femininas cantam a parte A da música em uníssono, enquanto as vozes masculinas retomam o contraponto. Na parte B, as vozes femininas realizam o contraponto e as masculinas fazem o solo. O volume vai esmaecendo até ficar apenas a mãe cantarolando novamente o contraponto A, finalizando a cena.

Uma das propostas da atividade era a de que houvesse uma composição coletiva que fizesse parte do repertório proposto. Um dos componentes do grupo rapidamente compôs um cânone com 4 frases melódicas distintas que vão se agrupando em um lindo brinquedo harmônico. Estava feita, portanto, nossa composição. A coletividade se fez no momento de decidir pela forma de sua execução. O que rendeu muitas ideias e sugestões. Para Nachmanovitch (1993), cada um com seu grãozinho de areia que, juntos ao final, produzirão uma pérola.

Cena 4 – Uma amarelinha desenhada no chão. Uma composição própria e inédita, um cânone “Eu fui pra rua pular amarelinha, daí meu amigo me deu um baita sustão... Entra nessa roda eu vou te dar uma lição”[4]. Todos brincam de amarelinha e se divertem em cena. Um dos integrantes toca o violão para o acompanhamento harmônico e os outros integrantes brincam entre si. Cada dupla, uma após a outra, entra cantando uma frase do cânone, composto por 4 frases. Até que todas as frases estejam sendo cantadas simultaneamente. Alguns da plateia são convidados a pular amarelinha também. A cena finaliza com todos dando as mãos e formando uma grande roda para brincar de cirandas.

[3] Partes da canção Aquarela de Toquinho; Fabrizio; Morra; Moraes, 1983.
[4] Canção composta pelo integrante Celso Ribeiro do grupo.

Cena 5 – Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Um grande pot-pourri de cantigas de roda, de domínio público, além de "Ciranda da bailarina" [5], bem como "A casa"[7]. Acompanhamento harmônico de violão, ukulele e piano. Todos brincam de ciranda em uma grande roda. A cena acaba com os aplausos dos integrantes para o público que participou, que se retiram da cena para dar espaço para a próxima.

Cena 6 - Retoma-se a música Aquarela, de Toquinho, cantada a parte B' por todos: "E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar...". Nesse momento, o narrador fala: "Aqui ficamos adultos. Nos despedimos da infância ou, se criança, lembramos que um dia é hora de crescer e viver a vida de adulto".

Cena 7 (FINAL) – Superfantástico[6] do programa infantil Balão Mágico nos anos 80. Uma grande festa é proposta ao público para lembrarmos que somos felizes por estarmos aqui. São distribuídos brinquedos que compõem o cenário para toda a plateia, que é convidada a participar do encerramento da apresentação artística, cantando, dançando e montando o trem da alegria que é a vida desde a infância até a vida adulta. A cena finda lembrando que a criança que há em nós jamais desaparecerá**.**

Ensaiando para apresentar

Perguntas rolam no ar: "Quem vai tocar o violão? Vai ter ukulele? Fica interessante para música infantil. Qual o tom mais adequado? Amiga, não sei, mas acho que você tá cantando meio desafinado, dê uma "estudadinha" em casa. Ah, não, precisa baixar um pouco, tá muito agudo para mim. Nossa, preciso decorar essa letra. Ei, não é lindo, é indo. Repassa aí mais uma vez, por favor. Amigos, tenho vários instrumentos, o que vocês acham de eu trazer uns de percussão para nós testarmos em algumas músicas? Corrijam essa frase melódica aí, são saltos em oitavas. Gente, acho que já passamos todas as músicas, né? Vamos dar uma pausa para um lanche e depois retomamos fazendo a encenação toda com as músicas, valendo. Oba! Vamos!"

Nachmanovitch (1993), faz a seguinte reflexão:

> Uma vantagem da colaboração é que é muito mais fácil aprender com alguém do que aprender sozinho. E a inércia, um dos maiores bloqueios que ocorrem

[5] Composição de Buarque; Lobo, 1983. [7] Composição de V. Moraes, 1970.
[6] Composição de Ballesteros; Difelisati,1983.

> no trabalho solitário, praticamente não existe: A libera a energia de B e B libera a energia de A. a informação flui e se multiplica facilmente. O aprendizado se torna multifacetado, uma força renovadora e revitalizante (Nachmanovitch, 1993, p. 92).

Assim se deu neste processo. Após o lanche maravilhoso: o ensaio maravilhoso. Foram horas de diversão, espontaneidade, satisfação e criatividade, a criança interior que habita em cada um de nós brincou a valer. Demos ênfase no processo para o alcance de um resultado significativo. Foi divertido, foi espontâneo, foi criativo, foi satisfatório.

Processos criativos em educação musical

Na primeira infância

De acordo com Hortélio (2015), a música na educação infantil possui um importante papel no desenvolvimento desde a primeira infância, pois quando utilizada corretamente, pode ser uma ferramenta pedagógica poderosa no processo de aprendizado, crescimento emocional, desenvolvimento cognitivo, motor e social. Nesta perspectiva, Brito (2003) e Hortélio (2015) afirmam que as cantigas tradicionais da infância ajudam a ampliar o desenvolvimento da fala, desenvolvendo a oralidade e a consciência fonológica, sendo eficaz para a alfabetização.

Para Brito (2003), ao considerar a música como uma linguagem, pode-se afirmar a sua importância no desenvolvimento do ser humano, em razão do seu potencial na conscientização da interdependência entre corpo e mente e no processo de socialização da criança.

Nesta perspectiva Leck (2020) defende que a definição de música é som organizado. Mas música é muito mais do que som ou ofício. É uma força que afeta em nós a inteligência, a expressão emocional, e a conexão com os outros. Afeta em nós a cultura, o moral, o senso de patriotismo, a religiosidade, e comunica nossas mais profundas sensibilidades (Leck, 2020, p. 5).

Por meio do aprimoramento da memória e da atenção, as crianças aprendem a seguir sequências, através da repetição de padrões rítmicos, o que contribui para o desenvolvimento de sua concentração, além de desenvolverem sua forma de expressão, lidando com suas

emoções, favorecendo o senso de pertencimento, a cooperação e a empatia, através do fazer musical.

Além de todas essas habilidades, segundo Nachmanovitch (1993) e Gaborim-Moreira (2021), as atividades musicais incentivam a criação, improvisações, e independência através da segurança em praticar o fazer musical com aquilo que foi criado através de um processo educacional em sala de aula, estimulando sua expressão, imaginação e seu pensamento criativo desde cedo. Neste sentido:

> A improvisação, a composição, a literatura, a pintura, o teatro, a invenção, todos os atos criativos são formas de divertimento, o ponto de partida da criatividade no ciclo de desenvolvimento humano é uma das funções vitais básicas. Sem divertimento, o aprendizado e a evolução são impossíveis [...]. A mente criativa brinca com os objetos que ama. O pintor brinca com a cor e o espaço. O Músico brinca com o som e silêncio [...]. As crianças brincam com qualquer coisa em que possam pôr em mãos (Nachmanovitch, 1993, p. 49).

Sendo assim, percebe-se que nessa fase, o foco não deve ser a técnica musical em si, mas sim o experimentar, favorecendo assim o aprendizado ativo, colocando a criança como protagonista deste fazer musical, respeitando seu tempo, sua escuta e sua imaginação.

Do Fundamental ao Médio

Neste período, segundo Oliveira e Pederiva (2021) a educação musical tem um papel essencial no desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Para as autoras a educação musical vai muito além do ensinar a cantar e tocar instrumentos, contribui para o desenvolvimento tanto musical, quanto cognitivo, social e motor dos alunos, uma vez que de acordo com Carneiro e Lacerda (2018) a música estimula áreas do cérebro relacionadas à memória, linguagem, atenção e raciocínio lógico. As crianças que têm o contato regular com a música através do ensino tendem a apresentar desempenho melhor em outras disciplinas.

> A variedade dos estímulos e a ampliação das possibilidades sonoras têm o poder de envolver e cativar interesses. Assumindo uma natureza lúdica, elas podem envolver as crianças de maneira muito natural e prazerosa, mesmo demandando esforços cognitivos, físicos e psicológicos (Carneiro; Lacerda, 2018, p. 128; 129).

Na perspectiva de Nachmanovitch (1993), o ensino da música possibilita também que os alunos se expressem livremente, desenvolvendo sua criatividade, aprendendo a lidar com suas emoções, sentimentos e frustrações de forma saudável, além de desenvolver neles o espírito de cooperação, a escuta ativa, o respeito ao outro e a noção de coletividade.

Neste sentido, Fernandes (2013) discorre que através do estímulo dessas habilidades, o processo de criação no fazer musical juntamente com o professor pode favorecer nos alunos uma rica descoberta cultural, ampliando sua visão de mundo e aprendendo a valorizar a diversidade, estimulando suas expressões artísticas, e seu pensamento crítico.

> Numa visão contextualista da educação musical abrange-se totalmente a tradição musical do grupo, integrando-a a um "todo" significativo. Sem isso, a educação musical torna-se desconectada do aspecto social e consequentemente de escasso valor para o aluno, seu principal interessado. Instala-se um ensino da música desligado de um fazer político-crítico-social (Fernandes, 2013, p. 33).

Entendemos assim que, nessas etapas, a música pode ser um importante instrumento de inclusão, resgate de autoestima e valorização das experiências de vida dos estudantes, pois muitos alunos nessas faixas etárias trazem consigo uma bagagem musical rica, mesmo sem educação musical formal, e com isso, a música pode potencializar o diálogo com a cultura e a história dos alunos, sendo um recurso motivador e acessível, facilitando o aprendizado de outros conteúdos, favorecendo seu vínculo com a escola.

Portanto, a partir da perspectiva dos autores Nachmanovitch (1993) e Fernandes (2013), é por meio de atividades que envolvem a experimentação, a composição, a interpretação e até mesmo a criação musical, que esses processos despertam nos alunos a sensibilidade, o interesse pela escuta, pela cultura, a curiosidade sonora e o prazer de criar através de improvisações e composições coletivas, despertando o trabalho em equipe e colaborando para o desenvolvimento do protagonismo dos alunos.

Estes potenciais podem ser aplicados à interdisciplinaridade, com a literatura, a história, a sociologia e às artes em geral, além do uso de tecnologias e mídias digitais no fazer musical, favorecendo assim suas expressões artísticas, pensamento crítico, reflexivo e autonomia por meio da composição, improvisação, performance e produção musical.

Ao fechar das cortinas

A educação musical em ambientes educacionais de ensino regular pode se estabelecer como ponte entre os mais diversos contextos, e colabora para a formação humana e social. Durante a construção da atividade dos processos criativos, observou-se que os discentes envolvidos, ao abordarem a temática "Infâncias", lançaram mão de suas percepções e vivências enquanto educadores pontes. Com isso, buscaram ampliar os olhares de maneira cuidadosamente alicerçada nos autores estudados em sala de aula, assim como em suas bagagens enquanto estudantes, professores e pesquisadores, respeitando os diferentes conhecimentos ali apresentados.

Portanto, foi proposta uma exploração do valor da infância para crianças, que a estão vivendo no presente, assim como para adultos, que a viveram no passado, mantendo em mente os valores da nostalgia e da transitividade da infância e da vida como um todo, convidando inclusive os adultos a trazer o frescor da sua perspectiva de quando eram crianças para sua vida atual.

Nesse sentido, embasados por Fernandes (2013), Oliveira (2015) e Nachmanovitch (1993), dentre outros autores, a discussão dos resultados dos processos criativos na Educação Musical, a partir da experiência na disciplina cursada, culminou em uma proposta que visou promover a estimulação da criatividade dos envolvidos, proporcionando experiências significativas, além de obtenção de resultados que colaboram com o crescimento pessoal e educacional dos integrantes do grupo.

A partir do respaldo dos autores que fomentam este trabalho, compreende-se que a educação musical aplicada nas diferentes etapas da educação básica pode-se tornar uma ferramenta pedagógica significativa para trabalhar diferentes conteúdos, adaptando-os para as faixas etárias contempladas nestas etapas educacionais. Nesta perspectiva, os integrantes do grupo utilizaram uma temática e formato de atividade que podem ser aplicados não somente no ensino regular, mas também em múltiplos espaços de educação.

Com isso, a partir do processo de criação percebeu-se ainda que durante a atuação do professor de música, o olhar diferenciado à realidade encontrada no ambiente educacional e as diferentes etapas de ensino devem sempre ser levados em consideração. A depender da sua

concepção, isso influencia diretamente no caminhar do processo formativo, daí a necessidade de considerar as relações aos contextos sociais e os seus significados construídos socialmente.

Referências

BEZERRA, SL., Coutinho da Silva M., Bezerra Z, ZM. & Féres C., T. (2014). A compreensão da infância como construção sócio-histórica. Revista CES Psicología, 7(2), 126-137.

BRITO, Teca de Alencar. *Música na educação infantil* / Teca Alencar de Brito; [fotos Michele Mifano]. – São Paulo: Petrópolis, 2003.

CÂMARA CASCUDO, L. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Global, 2012.

CARNEIRO, Solange Guedes de Oliveira; Lacerda, Aroldo Dias. Educação musical e psicopedagogia: caminhos para o desenvolvimento das Inteligências Múltiplas. *Revista do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde*. [recurso eletrônico] / Universidade Fumec. Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. – Ano13, n.19 (jan./jun. 2018). Belo Horizonte. 2002.

COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FEICHAS, Heloisa Faria Braga; NARITA, Flávia Motoyama. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, v. 11, n. 1, p. 1-24, 2016.

FERNANDES, José Nunes. *Educação Musical:* Temas selecionados. São Paulo: Editora CRV; 1ª edição. 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAINZA, V. H. de. *Estudos de psicopedagogia musical*. Tradução de Beatris A. Cannabrava. 2.ed. São Paulo: Summus,1988. Vol.31.

GABORIM-Moreira, A. L. I. *Regência coral no contexto na extensão universitária*: a experiência do PCIU. 2015. 574. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2015.

HORTÉLIO, Lydia. *Centro de Referência Cultural Infância*, 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VgobqghlbSk&t=138s Acessado em: 15 abr. 2025.

LECK, Henry H. *Criando Arte Através da Excelência do Canto Coral*/ Henry Leck, Flossie Jordan; tradutor Aderbal Soares. São Paulo, SP: Pró Coral, 2020.

NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.

OLIVEIRA, Alda de Jesus. *A Abordagem PONTES para a Educação Musical*: Aprendendo a Articular/ Alda de Jesus Oliveira, Jundiai, Paco Editorial: 2015.

OLIVEIRA, Daiane Aparecida A. de; Pederiva, Patrícia Lima Martins. *Educação musical na infância*: vivências sonoras na escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SCHAEFER, Raymond Murray. *The Thinking Ear. Ontario, Canada*: Arcana Editions, 1986.